



Comunicação oral: Eixo 1 - A Educação Básica Brasileira e desafios da atualidade

## **A RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E OS SISTEMAS DE ENSINO NO DISCURSO DE PIERRE BOURDIEU**

Selma Gonçalves Paré<sup>1</sup>

Aline de Novaes Conceição<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresentam-se neste texto, resultados de um estudo sobre o sociólogo Francês Pierre Bourdieu que elaborou uma construção de conhecimento sobre a sociedade organizada sobre estruturas em que indivíduos e grupos são ordenados em posições estabelecidas por fatores limitados dentro de cada campo. Este trabalho foi realizado com o objetivo geral de iniciar uma busca pela compreensão sobre Pierre Bordieu, especificamente os aspectos relacionados com o contexto histórico e político, questões filosóficas e os principais argumentos dele sobre o capital cultural com ênfase em duas instituições sociais em destaque; família e sistema de ensino, levantando problemas da reprodução e desigualdades sociais na escola. Para isso, o método utilizado, foi a revisão bibliográfica. A partir disso, foi possível concluir que a família e os sistemas de ensino são essenciais para subverter as conservações das desigualdades e a reprodução de classes sociais.

**Palavras-chave:** Capital Cultural. Sistemas de Ensinos. Estruturalismo.

### **Introdução**

Há diversos teóricos clássicos, importantes para compreender as diferentes formas de produção de conhecimentos sobre a percepção humana e a educação, aprofundando sobre a formação da ciência na Modernidade e as questões filosóficas que permeiam essa formação. Dentre esses, há: René Descartes, John Lock, Émile Durkheim, Auguste Comte, Max Weber, Karl Marx, Louis Althusser, Antonio Gramsci, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

Esses teóricos discorrem sobre uma visão da compreensão de objetos, elementos e relações. Em meados no século XX, a visão otimista de caráter funcionalista, propagou a ideia de escolarização como função para superar os problemas sociais como o atraso econômico, o autoritarismo, os privilégios condicionados coerentes a sociedade tradicional, tendo em vista o objetivo de construir uma nova sociedade com justiça pela meritocracia, moderna com

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), do Câmpus do Pantanal (CPan). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFMS/CPan. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0543160936883945>. ID Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2488-6865>.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Mestrado em Educação pela UNESP, Brasil. Graduada em Pedagogia pela UNESP, Brasil. Orientadora, docente da graduação da Unesp e da Pós-Graduação em Educação da UFMS/CPan. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6626684820553089>. ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6640-461X>.



avanços racionais e científicos em uma democracia de autonomia individual (Nogueira, Nogueira, 2002). Porém é uma compreensão que encaminha a sociedade para relações desiguais, injustas e reprodutivistas marcada pela estrutura de diferenças de classes.

A partir do exposto, no decorrer deste trabalho, temos o objetivo de iniciar uma busca pela compreensão sobre Pierre Bourdieu especificamente os aspectos relacionados com a sua biografia, contexto histórico, questão filosófica, organização social e os principais argumentos dele sobre o capital cultural com ênfase em duas instituições sociais em destaque; família e sistema de ensino, levantando problemas da reprodução e desigualdades sociais na escola. Para isso, o método utilizado, foi a revisão bibliográfica em que foi selecionado textos que pudessem contribuir para a reflexão em questão.

Para isso, o texto está organizado nos seguintes tópicos: “Contexto histórico e político de Pierre Bourdieu”; “Questões filosóficas de Pierre Bourdieu”; “O sistema de ensino para Pierre Bourdieu”; “A família para Pierre Bourdieu”; “Conclusão” e “Referências”.

### **Contexto histórico e político de Pierre Bourdieu**

Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês, que nasceu em 1930, cujo pais eram funcionários dos correios (Rodolpho, 2007). Em 1950, inicia sua formação na Escola Normal Superior no curso de Filosofia (Passiani, 2006). A Escola Normal Superior visava formar professores de grau secundário enquanto a Escola Normal diz respeito a grau primário (Saviani, 2009). Nos estudos, Bourdieu enfrentou obstáculos impostos às classes desfavorecidas (Valle, 2007). No decorrer de sua trajetória, foi professor assistente de Filosofia (Borges, 2018). É confrontado em Paris com a cultura burguesa que usufruía como elite erudita e favorecida da sociedade francesa (Rodolpho, 2007).

A burguesia era uma influência que estava fortemente propagada na sociedade e as classes privilegiadas cada vez mais se afirmavam a fim de classificar homens entre as classes abastadas e as privilegiadas. Bourdieu teve contato com essa dinâmica da burguesia, na qual influenciava toda a sociedade, indivíduos e cultura. Diante disso, iniciou um discurso com uma construção epistemológica sobre essa dinâmica social. O contexto histórico em que Pierre Bourdieu estava inserido se encontra marcado pela burguesia e sua influência no estabelecimento de classes sociais nas relações humanas de uma maneira camuflada. A burguesia tinha como intenção garantir o controle e a permanência de relações inflexíveis com interesses desumanizantes. Assim, a sociologia vem debatendo a convergência social na qual analisa não somente ações da burguesia como todos os comportamentos e atitudes com objetivo de compreender a sociedade e o indivíduo.

De acordo com Pinçon e Pinçon-Charlot:



A Sociologia é um lugar de verdadeira convergência social, já que seu recrutamento é compósito, mesclando filhos da alta burguesia, filhos de professores e de comerciantes e alguns filhos de operários ou pequenos agricultores sobreviventes do sistema de triagem escolar. Devido a esse próprio caráter de convergência, poucos sociólogos se arriscam a enfrentar situações de pesquisa em que a assimetria das posições sociais não lhes favorece. Oriundos das classes médias ou populares e tendo alcançado uma posição social apenas média, ou excepcionalmente nascidos na boa sociedade e se encontrando objetivamente em posição de declínio, os sociólogos nunca estão à vontade para enfrentar um mundo social que ignoram ou que, tendo deixado, sabem muito bem lhes ser socialmente superior (Pinçon, Pinçon-Chorlot, 2007, p. 23-24).

A sociologia visa aproximar sociedades, isto é, compreender e observar todos os indivíduos. Isto engloba os indivíduos independente de sua profissão, raça, cor, etnia e principalmente escolaridade. Centralizar todos esses indivíduos em um debate coloca em uma linha de risco para os sociólogos que desconsideram debater sobre algo que não lhes favorece. Contudo, Bourdieu é um sociólogo que denuncia as desigualdades existentes nos grupos sociais. E com este contexto, desenvolve sua obra em busca de denunciar a reprodução que a sociedade construiu, em seu processo de construção.

### **Questões filosóficas de Pierre Bourdieu**

Pierre Bourdieu está relacionado com o estruturalismo que permite que o sociólogo se aprofunde de maneira crítica sobre a articulação social. O descobrimento dessa articulação irá explicar de maneira estruturada, os instrumentos de dominação, ideias e comportamentos (Thiry-Cherques, 2006). Por meio da estrutura, Bourdieu apresentou uma nova forma de compreender o conhecimento.

O discurso de Bourdieu apresenta argumentos de teoria na prática e para isso tem como conceitos o *habitus* e o campo. *Habitus* é um conceito que visa destacar a diferença entre conceitos como hábito, costume, praxe e tradição. Isso pode ser compreendido como uma mediação entre a estrutura e a ação. A estrutura neste conceito, pode ser observada no princípio que organiza as práticas e as representações que se referem a um grupo de pessoas, as suas condições de subsistência (Thiry-Cherques, 2006).

Esse termo apresenta uma abertura para a reflexão sobre a experiência, que engloba não apenas a vivência de um agente como também de todos que possam ser afetados com a interação social. A interação social nessa dinâmica, contém os conhecimentos de como deve ser conduzido o *habitus* no campo específico. Na estrutura, o *habitus* está ligado com esquema de ação de percepção e reflexão. Tudo diz respeito a comportamentos, posturas, a coletividade. Neste esquema, a forma palpável do *habitus* é o resultado da experiência de todos os agentes. Isso destaca como o argumento de Bourdieu tem proximidade com a



percepção e reflexão da experiência humana e como isso afeta e determina as relações dos agentes (Thiry-Cherques, 2006).

O campo é outro conceito que Bourdieu utiliza em seus argumentos. Os campos microcosmos e as relações objetivas, atuam sobre os agentes e estão presentes na sociedade com uma lógica própria na qual cada campo possui a sua. Este campo com a sua lógica ocorre em um espaço de forças que ora estão conservando ora estão transformando a estrutura social de acordo com suas posições relativas. A estrutura é essencial para explicar essa forma de conhecimento de Bourdieu, visto que o campo é um elemento fundamental para a compreensão do movimento de interação social que os agentes sofrem ao experimentar as influências da estrutura da sociedade (Bourdieu, 1996, Apud, Thiry-Cherques, 2006).

Como sociólogo, Bourdieu propunha em destaque alguns aspectos para elaborar seu pensamento uma delas é o “*habitus* sociológico”:

Bourdieu discute longamente o “*habitus* sociológico”, as disposições do pesquisador na aplicação de princípios abstratos em pesquisa empírica. A sua preocupação diz respeito às condições do conhecimento, à reflexividade, isto é, ao fato de que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*. Ele leva em conta que a percepção do empírico é distorcida não só pelo *habitus* dos agentes, mas pelo nosso próprio *habitus*. Por este motivo, ao seguir Bourdieu, o que previamente devemos buscar é a análise das nossas próprias disposições, de modo a alcançar a universalidade mediante a identificação e a crítica da produção intelectual em que se dá a pesquisa. Devemos proceder a uma tarefa prévia, da auto-elucidação sobre o terreno em que vamos atuar (Thiry-Cherques, 2006, p. 43).

Bourdieu se preocupava sobre em quais situações que o conhecimento e a reflexão se encontravam, buscando entender a influência de fatores do *habitus* nas relações e produções de conhecimento. O sociólogo também compreendia que os *habitus* podem sofrer distorções tanto de agentes, quanto de interferência de *habitus* particulares do pesquisador. A forma de perceber e analisar o conhecimento se mostra necessária para compreender o âmbito de atuação.

Apesar dos anos, a influência da burguesia não teve seu término, ainda continua firme com a sua herança no decorrer do tempo. Com isso, Bourdieu denuncia nessa continuidade, a reprodução ocasionada pelo capital cultural, na qual compreende que cada indivíduo carrega consigo uma herança cultural que o determina em determinada classe social, tornando inato sua função na sociedade que se inicia na escola.

O pragmatista Dewey apresenta este conflito na escola com a seguinte problemática:

[...] os princípios gerais da nova educação, por si mesmos, não resolvem nenhum dos problemas práticos e concretos de condução e direção das escolas progressivas. Pelo contrário, levantam novos problemas, que terão de ser resolvidos na base de uma nova filosofia de experiência. Os



problemas não são sequer reconhecidos (que dizer de resolvidos?) quando se supõe que basta rejeitar as idéias e as práticas da educação velha e partir para a posição no outro extremo (Dewey, 1971, p. 9,10).

Dewey afirmava que mesmo a nova educação afirmando princípios que fortaleçam a escola sobre uma nova forma de fazer o ambiente escolar, com objetivo de levar uma educação/conhecimento a um novo caminho, se apresentam ineficazes sobre os problemas do cotidianos, pois o conhecimento transfigura-se de maneira alheia à sociedade. A antiga forma de conceber a educação de maneira tradicional não deve ser subestimada e rejeitada, porém reconhecida e refletida. Esta se apresenta como uma nova forma de propor entender o conhecimento.

A construção de conhecimento levantada por Bourdieu, por questionamentos no âmbito da sociologia, considerou a teoria na prática com o intuito de refletir a sociedade e as imposições que foram impostas, assumindo posicionamento crítico sobre a formação de pensamento que descarta situações sem análise sobre os aspectos que permeiam ações e comportamentos do cotidiano. Podemos observar em exemplos como a busca pela ascensão social sem acesso a uma educação de qualidade.

Bourdieu então levantava novos questionamentos e seu pensamento sociológico:

[...] fornecia respostas originais, renovando o pensamento sociológico sobre as funções e o funcionamento social dos sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas, e sobre as relações que mantêm os diferentes grupos sociais com a escola e com o saber. Conceitos e categorias analíticas por ele construídos, constituem hoje moeda corrente da pesquisa educacional, impregnando com seu alto poder explicativo, boa parte das análises brasileiras sobre as condições de produção e de distribuição dos bens culturais e simbólicos, entre os quais se incluem obviamente os produtos escolares (Bourdieu, 2007).

Essa forma de compreender a sociedade, levou Bourdieu a levantar questionamentos em seus textos teóricos e apresentar respostas únicas, sobre esses componentes que integram a sociedade de maneira estruturada. Após essa breve apresentação de seu pensamento, abordaremos o sistema escolar e a família como instituição social.

### **O sistema de ensino para Pierre Bourdieu**

A escola por muito tempo tem sido compreendida de uma maneira tradicionalista. O tradicionalismo impõe uma relação cujo conhecimento é transmitido pelos professores, copiado e memorizado pelos alunos. Essa dinâmica tem sido repetida por longos tempos e se concretizou em um currículo comum e normalizado na sociedade atual.

Porém, há apenas uma maneira de ter acesso ao conhecimento? Há apenas uma maneira de explicar o conhecimento? O conhecimento tem sido tratado e transmitido para a sociedade de maneira inflexível, desde então, começou a ser compreendido em apenas um espaço específico da sociedade: a escola. Neste ambiente, influências de tendências,



métodos e ideologias entram na cultura da escola impondo interesses do Estado sobre a sociedade.

O que ocorre nos sistemas de ensino é uma verdadeira luta, na qual o campo tende a se reproduzir. Neste contexto, o sistema de ensino é conduzido a interesses de cultura de classes. Todos os habitus nos campos que os agentes se encontram, interagem, dialogam e experienciam, sofrendo influência direta com a cultura burguesa e podemos ver esses aspectos concretizando-se em ações, atitudes, comportamentos que reafirmam o domínio burguês e a garantia do sistema (Thiry-Cherques, 2006).

Isso se apresenta como um mecanismo de controle e de conservação social que limita o acesso à cultura, propagando a falácia que o dom é inato, ou seja, é necessário nascer com o dom, ou nascer com melhores condições de vida. Pois caso o contrário, o agente nasce predestinado a ser desfavorecido socialmente, nesse sentido,

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (Bourdieu, 2007, p. 41).

O sistema escolar nessa dinâmica, se apresenta em duas vertentes de perspectiva. Enquanto a escola libertadora compreende a relevância do sistema escolar para com a mobilidade social, para o sociólogo Bourdieu é a conservação social que tem se apresentado com êxito no campo, fortalecendo desigualdades sociais, estabelecendo e definindo a herança cultural e elevando a crença do dom inato para os agentes.

A inércia cultural que aqui se destaca é observada quando a cultura ainda é inacessível a todos, quando a democratização da cultura ainda está restrita apenas a um grupo social, levando aos agentes, a crença na ascensão pela meritocracia de um sistema escolar que não oferece suporte para alcançar um ensino de qualidade necessário para uma ascensão social. Visto isso, resulta na conservação da estrutura da sociedade demarcado por classes favorecidas e desfavorecidas.

Porém, o que ainda delimita e assegura que tais mecanismos de conservação ainda estejam vigentes na sociedade, determinando as massas e os privilegiados? A resposta para tal questão está na esperança de ascensão social através da escolaridade medida pela posição social, na qual conserva as desigualdades sociais (Cardoso, Lara, 2009).

Com a intenção de conservar sociedades, a escola se torna um instrumento político de observação, para controle sobre a população, mediante burocratização escolar, dos indivíduos que atuam na escola, os orientadores, psicólogos, professores e até alunos (Tragtemberg, 1985).



Outro instrumento de observação é a instituição família que perpetua a continuidade da herança cultural que determina as posições das classes sociais entre os agentes.

### **A família para Pierre Bourdieu**

O sistema de ensino é aplicado em um espaço físico na qual acontece a instituição chamada escola. Nesta escola, ao seu redor, há uma comunidade que possui especificidades como classe social, raça, etnia, e etc. em que são fatores que marcam a escola, definindo o sistema de ensino que será utilizado. Nessas comunidades, há um conjunto de famílias que de acordo com Bourdieu carrega um capital cultural que é passado de geração a geração. Como já destacamos no discurso de Bourdieu há conceito de campos, na qual existem várias formas de acordo com as particularidades de cada campo. De acordo com Bourdieu, isso ocorre mediante a existência do capital cultural que atua constantemente em nosso cotidiano.

Conforme, Bourdieu, o capital cultural na família atua da seguinte maneira: Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que constitui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e conseqüentemente, pelas taxas de êxito (Bourdieu, 2007, p. 42).

Essa transmissão de capital cultural ocorre de maneira discreta entre pais para filhos, que reproduzem valores, essenciais para definir atitudes, ações, comportamentos, culturas e principalmente a escola e seu sistema de ensino. O capital cultural também conhecido como herança cultural é importante para definir desde a infância quais oportunidades os agentes podem usufruir no decorrer da vida, também demarcando classes sociais.

As classes sociais, apresentam a estética como característica de acordo com Silva: Cada classe social, ou segmento de classe, apresenta seus próprios padrões estéticos que vão contribuir para que aquele que expresse esses valores seja imediatamente (“brutalmente”) classificado e continuamente reclassificado dentro do seu próprio grupo (Silva, 1995, p. 26).

A estética dentro das escolas se mostra essencial para o desenvolvimento humano do indivíduo, a carência de tal aspecto pode afetar o desenvolvimento criativo e a autonomia. Porém, a influência da cultura dominante estigmatiza qual estética possui valor na sociedade. Sendo assim, a estética se apresenta como importante para mecanismo de classificação de classes. Os primeiros sinais de influência no ambiente escolar podem ser vistos na qualidade de ensino de acordo com a classe social das comunidades que destaca a função da escola como reprodução social e a garantia das desigualdades sociais.

Vale destacar que:



O capital cultural enquanto habitus, conforme os exemplos apresentados até aqui, não vai muito além da idéia de que existe uma subcultura de classe que auxilia o processo de reprodução social. Entretanto, o conceito de capital cultural também é utilizado por Bourdieu numa acepção um pouco diferente. Capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo (Silva, 1995, p. 27).

Dentro da escola, há um processo de reprodução social devido ao capital social. A subcultura de classe se torna uma base essencial para que a reprodução social possa acontecer. O capital cultural se destaca como um acesso a uma cultura específica que é elevada sobre as demais culturas, inferiorizando as demais.

A elevação de uma cultura, inferioriza as demais culturas, elevando uma como dominante e outra como menor, a dominante se define então como superior na sociedade. Isso define o que é melhor e o que é de péssima qualidade a respeito de todas as coisas, desde objetos subjetivos e concretos. Nessa hierarquia, construída pelo estruturalismo de Bourdieu de acordo com Silva (1995) um dos aspectos típicos do grupo dominante é se reafirmar e reafirmar sua cultura como a superior na qual tem valor simbólico.

Assim o grupo dominante que se afirma estabelece seu valor simbólico em todas as instituições sociais, na qual tem acesso ao capital cultural, tendo mais valor significativo e destaque na aproximação com recursos limitados, assim o conceito de capital cultural se torna um instrumento de controle (Silva, 1995). O controle do capital cultural dispõe a classe dominante o poder de controle sobre as instituições sociais de acordo com seus interesses, dominando a família e o sistema de ensino. Silva (1995), afirma que no discurso de Bourdieu a família é fundamental para que o capital cultural seja fortalecido:

Os diversos matizes do conceito de capital cultural, especialmente o seu aspecto incorporado, sugerem que é sobretudo no ambiente familiar, no processo de socialização conduzido pela família, que se configura esse capital. A família é a instituição social encarregada da transmissão intergeracional deste capital. Mesmo o aspecto institucionalizado do capital cultural não atribui um papel significativo à escola (Silva, 1995, p. 29).

O capital cultural necessita da família, pois nela configura a sua gênese sendo constituído e concretizado no grupo familiar. A interação social que a família experimenta, com a geração a cada período entre filhos, pais, netos, avós e entre outros é um processo que garante a continuidade do capital. Visto isso, a família é vista pelo sistema como uma instituição social, sua função nessa dinâmica é levar a continuidade sem questionamento ou deliberação sobre o capital imposto. Quanto mais o capital cultural for apropriado e internalizado no espaço escolar sem diálogo, discussão ou reflexão, menos significado o capital cultural terá no espaço escolar.

Essa forma de imposição esclarece os fundamentos da escola tradicional ao transmitir conhecimentos sem uma discussão, isso garante a conservação e acesso a uma educação





inflexível que produz homens intitulados como, sem cultura, subalternos, sem educação. A falta de significação na escola leva aos alunos a desistência e ao abandono escolar e com isso o próprio sistema alerta aos agentes sobre a falta de esforço para alcançar a ascensão social.

O interesse pela ascensão social tem sido necessário para a discussão diante da defasagem nas escolas. O sucesso e fracasso escolar tem sido uma questão de preocupação, na qual se destaca como um fenômeno da desigualdade de desempenho escolar. Porém, isso se deve pelo capital cultural encaminhar a compreensão de sucesso escolar a interesses de mercado assim como afirma Bourdieu:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica em uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais, quanto às teorias do “capital humano” (Bourdieu, 2007, p. 73).

A desigualdade social tem sido vista na sociedade cujos processos se inicia nos sistemas de ensino, com isso ela se apresenta quando ocorre as desistências de alunos, o desinteresse pelo conhecimento, levando o sucesso escolar a uma conquista cada vez mais distante de ser concretizada. O capital cultural é visto nessa situação como importante para resolver as desigualdades no ambiente escolar, porém com interesses em preparar homens para o mercado.

A escola na sociedade tem como função social segundo Cardoso e Lara (2009) em conservar a sociedade, elevando as desigualdades entre homens de acordo com a herança cultural das classes sociais, destacando a meritocracia para se alcançar a ascensão. O interesse da sociedade em formar o homem tem se voltado a utilizar a escola como aparato de controle social não apenas do conhecimento, mas também de corpos. Neste processo, a escola deixa de ser um ambiente de construção e formação humana, para ceder interesses de mercado, na qual o sucesso escolar é considerado em uma perspectiva de distribuição do herança cultural mas, sem elevar uma verdadeira ascensão social. O objetivo de uma escola com função social em conservar sociedades concretiza um sucesso escolar que vem de interesses de reprodução social sem retirar as interações sociais de desigualdades.

O controle está arraigado nas escolas e o capital cultural é um canal na qual permite hierarquias, atuando na instituição. As hierarquias podem ser compreendidas de acordo com o pensamento de Bourdieu da seguinte forma. As influências hierárquicas que estão presentes no espaço social é o fator econômico, cultural e simbólico. Esses três fatores



podem ser vistos atualmente nas escolas. O espaço social, quando compreendido como campo, diante de sua particularidade pode ser dividido em subcampos. A existência de campos e subcampos é marcada pela luta de classes que tentam subverter a estrutura e assim transcender as hierarquias impostas nas interações sociais. A luta atinge também a área política, na qual exige que o indivíduo se posicione e participe como cidadão para que também possa utilizar o poder que está nas mãos da classe dominante (Thiry-Cherques, 2006).

### **Considerações finais**

Este trabalho buscou delimitar discussões iniciais sobre o pensamento de Pierre Bourdieu especificamente os aspectos relacionados com o contexto histórico e político, questões filosóficas e os principais argumentos dele sobre o capital cultural com ênfase em duas instituições sociais em destaque; família e sistema de ensino, levantando problemas da reprodução e desigualdades sociais na escola.

Foi possível compreender, que o conhecimento do sociólogo em questão, se volta para um conhecimento sobre as sociedades, indivíduos e relações sociais que articulam os problemas sobre reprodução social, desigualdades e capital cultural que define as classes sociais.

A família é o sustentáculo para que o capital cultural se propague na escola, utilizando a herança cultural para estabelecer classes superiores e inferiores. No decorrer das sessões, as discussões visaram compreender os elementos de Pierre Bourdieu sobre a instituição escola e família e desbobramentos que ocorrem na educação, como as desigualdades sociais e reprodução de capital cultural na escola, apresentando ênfase nos argumentos de Bourdieu a partir do espaço escolar.

A sociedade oferece aos grupos dominantes várias opções de instituições sociais na qual exercem controle e impõem as percepções, conhecimentos e relações. Entre elas se destacam a família e a escola.

A família com sua herança cultural, fortalece o capital cultural que atua na escola, estabelecendo um sistema de ensino que reproduz as classes sociais, em uma hierarquia que valoriza a cultura dominante e menospreza as demais formas de relações humanas, experiência e conhecimento.

Na escola, com o sistema de ensino movido pela ascensão da meritocracia e conservação de desigualdades sociais há uma formação diferente para cada classe social. Enquanto a educação das classes privilegiadas apresenta sujeitos que ocuparão espaços de privilégios,



os sujeitos que serão formados nas classes desfavorecidas ocuparão vagas de empregos inferiores.

A escola libertadora se apresenta como uma utopia na qual diante do sistema não tem se solidificado na maioria dos campos e habitus e acabam encaminhando o comportamento humano em uma estrutura de reprodução social. Nesse sentido, o posicionamento político é essencial para reverter as estruturas de uma sociedade marcada pela desigualdade.

## Referências

- BOURDIEU, P. Escritos de educação. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.
- BORGES, D. de S. S. A escolha pela profissão docente na perspectiva teórica bourdieusiana. III Congresso de Educação do Cpan ? II Semana Integrada De Graduação E Pós-Graduação. Corumbá/MS. *Anais. Campo Grande: UFMS*, v.2, p. 1-12. 2018.
- CARDOSO, M, A; LARA, A M de B. Sobre as funções sociais da escola. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro De Psicopedagogia (Curitiba /PR), p. 1313-1326. 2009. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Sobre%20as%20fun%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20da%20escola.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1971.
- NOGUEIRA, C. M. M; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & sociedade* (Campinas/SP), v.23, n.78, p. 15-35. abr. 2002. Disponível em: [https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_35224e35bb46d013a0209e9c46c7fed0](https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_35224e35bb46d013a0209e9c46c7fed0). Acesso em: 15 abr. 2024.
- PASSIANI, E. Imposturas intelectuais: a sociologia (auto)crítica de Pierre Bourdieu. *Novos estudos CEBRAP* (São Paulo/SP), n.74, p. 207–212. mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/journal/nec/about/#about>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- PINÇON, M. PINÇON-CHARLOT, M. Sociologia da alta burguesia. *Sociologias* (Porto Alegre/RS), n.18, p. 22-37. jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/9GT88yGxNSzTNhwxRzNs46Q/>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública* (Rio de Janeiro/RJ), v.40, n.1, p. 27-55. jan./fev. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/3bmWVYMZbNqDzTR4fQDtgrs/?lang=pt#>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- TRAGTEMBERG, M. Relações de poder na escola. Lua Nova: *Revista de Cultura e Política* (São Paulo/SP), v.1, n.4, p. 68-72. mar. 1985. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/v1n4/a21v1n4.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- RODOLPHO, A. L. Pierre Bourdieu: notas biográficas. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia* (São

Leopardo/RS), v.14, p. 6–13. set./dez. 2007. Disponível em:  
<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2067>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação* (Rio de Janeiro/RJ), v.14, n.40, p. 143–155. jan. 2009. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/45rkkPghMMjMv3DBX3mTBHm#>. Acesso em: 19 abr. 2024.

SILVA, G. O. do V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação* (Rio de Janeiro), v.1, n.2, p. 24-36. jul./dez. 1995. Disponível em:  
<https://ridi.ibict.br/handle/123456789/215>. Acesso em: 14 abr. 2024.

VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. *Educação e Pesquisa* (São Paulo/SP), v.33, n.1, p. 117–134. jan. 2007. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ep/a/KSKsCBvy8s9kyZwvJPTnVks/>. Acesso em: 19 abr. 2024.

